

A USP e a reforma universitária

Prof. Dr. Otaviano Helene (Instituto de Física/USP)*

* Prof. Otaviano Helene – e-mail: otaviano@if.usp.br

Abertura: *Boa noite, meu nome é André Ricardo, estou aqui com os companheiros Stefan e Fernando. Nós somos da Comissão Editorial da Revista Plural e nós estamos organizando este seminário para discutir esse tema da “USP e a Reforma Universitária”, porque a Revista Plural está organizando um Dossiê com este tema e por isso, então, nós convidamos estes professores para falarem para a gente sobre isso. Nós vamos ouvir primeiro o Prof. Otaviano Helene, professor da Física, aqui da USP, e também participante, atuante na ADUSP.*

Prof. Otaviano: Boa noite, obrigado pelo convite. Eu entendo que este tipo de atividade acaba sendo, do ponto de vista dos professores, uma atividade importante, uma atividade de greve, na medida em que se está discutindo uma série de aspectos do ensino superior brasileiro e, então, essa questão da Reforma Universitária é um ponto relevante, e não totalmente descolado do que ocorre no Estado de São Paulo, na nossa realidade do ensino superior, particularmente do Estado de São Paulo. Quanto tempo eu teria, só para eu me calibrar mais ou menos aqui? Trinta minutos? Está ótimo, mais do que suficiente. Então eu acho que em trinta minutos dá para colocar uma série de aspectos do ensino superior aqui no país.

Mas já que a gente está discutindo o ensino superior, não tem como discutir o ensino superior desacoplado de discussão de outros níveis de ensino. Estou me referindo ao ensino superior porque, embora o que a imprensa esteja divulgando, ou a expressão usada seja “Reforma Universitária”, ela nem é, pelo que já transpareceu, e pelo que o ministro deixa transparecer que venha a ocorrer no futuro, não é nem uma reforma, nem também universi-

tária, porque ela diz respeito à totalidade do ensino superior no Brasil, e a grande maioria das instituições de ensino superior no Brasil, não são Universidades, são basicamente instituições isoladas, a grande maioria instituições isoladas, tem um grupo intermediário de Centros Universitário e poucas Universidades. Então acho que isso é um ponto importante porque, quando a gente fala em Universidade, principalmente nós aqui, dentro de uma Universidade, a Universidade, na nossa visão, vai literalmente até o horizonte. Você olha para todos os lados e você vê o que é uma Universidade. Essa não é a regra nacional. Instituições como esta aqui, em que você realmente vê todas as áreas de conhecimento dentro de um conjunto só, com um pouco de integração, às vezes menos do que a gente gostaria, mas algum tipo de integração entre as várias áreas do conhecimento, isso é uma exceção no país. O grande ensino superior no país está pulverizado, particularmente foi pulverizado mais ainda nos últimos anos, na última década particularmente, mais particularmente nos últimos anos, até mesmo nos últimos meses do governo anterior, quando surgiram faculdades isoladas por todo o canto e de todo tipo.

Então eu acho que é importante a gente ter isso em mente. Não é reforma, aparentemente são mudanças locais, localizadas e, de outro lado, não é na Universidade que está se mexendo, mas em todo o ensino superior. As propostas dizem respeito ao ensino superior. Por que às vezes, quando você fala em Reforma Universitária, vem à mente o que aconteceu em 68, que certamente vocês não tinham nascido, mas foi, de fato, uma mudança estrutural mais profunda no ensino superior brasileiro e, particularmente, nas Universidades, que passaram a ter essa estrutura que a gente conhece hoje, separadas em Institutos, os Institutos subdivididos em Departamentos, esses Departamentos são mais ou menos estanques, inclusive dependendo do Instituto. Por exemplo, aqui na Faculdade de Filosofia, vocês têm Departamentos bem caracterizados, Geografia, Letras, com pouca interação.

Outras Instituições como a Poli, a Escola Politécnica de Engenharia, há um pouco mais de interseção. Eles têm aquilo, por exemplo, os alunos entram e fazem dois anos de disciplinas iguais,

todos eles, nos dois primeiros anos, posteriormente eles vão para os Departamentos. Então a divisão departamental não é tão marcante quanto a da Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Então há uma superposição interna, particularmente do ponto de vista dos alunos. Em outros casos, a superposição do Departamento é completa, como é no caso do Instituto de Física, que é o Instituto onde eu trabalho, em que a divisão departamental é uma mera divisão administrativa interna, não divide por área de conhecimento. Os alunos são do Instituto como um todo, e não dos Departamentos. Ou seja, na Universidade de São Paulo, a gente tem esses vários casos, quer dizer, uma situação em que o aluno é o aluno da Instituição, outros casos em que ele é o aluno primeiro da Instituição, depois do Departamento, como no caso da Escola Politécnica e, num caso mais marcante da divisão, como é o caso aqui de vocês, alunos do Departamento. Então, a gente tem uma heterogeneidade grande.

Como eu tinha dito no começo, não é possível a gente discutir a questão do ensino superior brasileiro, sem a gente ir para os outros níveis de ensino. E, nos outros níveis de ensino, uma característica muito marcante do sistema educacional brasileiro é a diferença. Em todos os níveis de ensino a gente encontra diferenças enormes. No ensino fundamental, as diferenças são entre as escolas privadas das elites, onde o custo do aluno, o investimento por pessoa, às vezes e com frequência supera mil reais por mês. No outro extremo a gente tem as escolas financiadas por aquele fundo mínimo de financiamento estudantil de crianças, que é o Fundef, que é da ordem de quinhentos e poucos reais, certamente abaixo de seiscentos reais por ano. Então vejam só, um é seiscentos reais por ano, o outro é mil por mês. Então a diferença já é um fator enorme, fator 20. Mas este fator é muito maior que isso, porque a criança que frequenta a escola de seiscentos reais por ano, ela, grande parte dela, não completa sequer o ensino fundamental. Então ela fica na escola quatro, cinco, seis anos. Então vejam só, o investimento ao longo de toda a vida dessas crianças, seiscentos reais por ano, durante cinco ou seis anos é três mil, quatro mil reais, é todo o investimento que se vê na educação escolar dessas crianças.

No outro extremo estão aquelas crianças com mil reais por mês e, mais do que isso, porque as crianças que freqüentam uma escola de mil reais por mês têm um atendimento psicológico quando precisa, têm aula particular, têm curso de língua, têm esportes, têm curso de música, têm material didático abundante, têm transporte escolar, enfim, têm uma série de outros investimentos também na educação, na formação da criança, do cidadão, da cidadã, da pessoa, que não é desprezível. Essas crianças também não entram na escola no primeiro ano do ensino fundamental, entram na pré-escola, aos quatro anos de idade e, normalmente, vão até a pós-graduação. Somado o investimento nessas pessoas, ao longo da vida toda, o valor pode superar duzentos ou trezentos mil reais. Então, a diferença é um monstro; o Brasil está formando gente que vai virar a força de trabalho do país, os cidadãos e cidadãs do país, as pessoas que vão formar a opinião pública nesse país completamente diferentes. Quero dizer, de um lado, num extremo, aquelas pessoas cujo todo investimento, formação da pessoa, na educação escolar, no aprendizado, etc, foi de três quatro mil reais e, no outro extremo, o outro grupo de pessoas que foi duzentos, trezentos mil reais.

O monstro que está se criando é um monstro tão terrível ou mais terrível que o monstro de desigualdade que a gente vive hoje. Já somos a pior, uma das piores distribuições de renda do mundo, e o nosso sistema escolar faz simplesmente isso se perpetuar, porque nós estamos formando pessoas diferentes. Claro que daqui a quinze anos, quando aquele que teve o seu investimento total ao longo da vida da ordem de dois, três, quatro mil reais estiver no mesmo sistema de trabalho que está aquele cujo investimento chegou a duzentos, trezentos mil reais, não há mecanismo social que faça com que as pessoas ganhem igual. Pode ser mercado de trabalho, pode ser política de pleno emprego, pode ser socialismo, pode ser o que quer que seja, é impossível porque está produzindo coisas completamente diferentes. Quer dizer, num extremo ele mal sabe ver o que está escrito em um saco de cimento, a ferramenta mais sofisticada que ele consegue manipular é uma enxada, uma pá, ou um metro, se o cara for um pouco mais habilidoso

e souber ver número, ele consegue usar uma trena, um metro, mas acabou aí o conhecimento dele.

E no outro extremo está o fulano que lida com qualquer tipo de equipamento mecânico, instrumental propriamente dito, ou intelectual. Quer dizer, ele conhece qualquer língua, conversa sobre qualquer assunto, com qualquer pessoa, etc. Então, a minha grande preocupação, e eu chamei a atenção disso, porque eu tenho que chamar em todos os debates que eu participo, é o monstro que o sistema educacional brasileiro está criando. Num mundo em que a nossa distribuição de renda já é intolerável, já cria todo o tipo de problema que nós temos no Brasil, são basicamente sustentados numa distribuição de renda muito ruim, a gente está acirrando esta situação e essa situação, então, é montada assim pelo sistema escolar que nós temos.

Ao longo dos últimos anos, embora tenha sido um esforço muito grande no sentido de expandir quantitativamente o número de alunos freqüentando o ensino fundamental, ainda assim estamos muito longe da universalização. Atualmente, da ordem de 25% das crianças não concluíram o 1º Grau, o ensino fundamental. No ensino médio a situação continua desigual, quer dizer, você já excluiu, já se excluiu 25% da população, que não tem nem chance de chegar no ensino médio, porque não acabou o ensino fundamental. Os que chegaram lá, de novo, encontram uma situação muito desigual, com a mesma desigualdade que tinha no ensino fundamental, e escolas sofisticadíssimas atendendo aos segmentos mais ricos da população, e escolas literalmente precárias como, por exemplo, metade das escolas da Amazônia legal – Amazonas, Pará, Maranhão, enfim, todos aqueles estados que formam a Amazônia legal não têm luz elétrica.

Então, é essa a situação que a gente encontra no ensino médio, onde a exclusão econômica, a diferenciação continua, quer dizer, de um lado as escolas péssimas, eu vou exemplificar com algumas informações quantitativas, de outro lado, escolas sofisticadíssimas, então a diferença continua, e a diferença quantitativa surge, na medida em que quase a metade dos jovens são excluídos do ensino médio, quer dizer, não conclui o ensino médio,

entra se matricula uma, duas, três, quatro vezes, e acaba abandonando. Os setores mais pobres, principalmente, mas já remediados, porque os pobres já não chegaram nem sequer a entrar no ensino médio, os que acabam o ensino médio, os remediados que acabam o ensino médio, acabam com uma enorme defasagem série/idade (vai concluir o ensino médio lá pelos vinte e poucos anos de idade) e, quando a gente acompanha o desempenho escolar desses estudantes, com esses vários indicadores que se tem do desempenho escolar, o que a gente vê é que, quanto maior essa defasagem idade/série, quanto pior é a escola, etc, pior é o desempenho do estudante. Então continua a exclusão quantitativa, principalmente por causa da exclusão econômica, e continua a se manter a diferença qualitativa.

Daí a gente chega nas portas do ensino superior. Mas só para completar um pouco essa idéia do ensino fundamental e médio, o que aconteceu, então, nos últimos dez anos aproximadamente, fruto dessa expansão quantitativa do ensino fundamental e médio, foi às custas da qualidade. Os resultados daqueles exames nacionais que se fazem para avaliar estudantes da quarta série do ensino fundamental, da oitava série e do terceiro ano do ensino médio, que é o sistema nacional de avaliação da educação básica, no qual você dá uma prova para os alunos, por amostragem, sorteia estudantes, etc, e vê o desempenho deles, a gente vê claramente uma caída média do desempenho, na mesma proporção em que aumentou a quantidade.

Quer dizer, o aumento da quantidade foi feito em detrimento da qualidade. É um país, então, que vai aos trancos e barrancos, literalmente. Quer dizer, quando resolve o problema da qualidade, não tem quantidade, que é o caso das elites. Quando resolve o problema da quantidade, compromete a qualidade. Ou seja, o Brasil realmente não conseguiu um desenvolvimento educacional compatível com a sua realidade sócio-econômica. Porque às vezes a gente encontra países com atraso escolar, o Brasil é um dos mais marcantes nesse aspecto, continua sendo, mas a gente acha alguns, não digo razões, mas alguns fatos objetivos que dificultam a evolução escolar num país, às vezes uma guerra prolongada, uma guerra interna, uma guerra externa, isso é muito típico que a primeira coi-

sa que é desmontada são os sistemas sociais. Outra situação: às vezes você tem países com duas populações, três populações, vivendo num território nacional, com línguas, culturas diferentes, como é o caso do Peru, por exemplo, você tem os qeshuas e os de origem européia, principalmente misturados, mas que falam línguas diferentes, moram em regiões diferentes, têm tradições culturais diferentes, religião diferente, tudo é diferente. Há uma dificuldade intrínseca em desenvolver um sistema escolar em um país como esse. Tem outros que têm o vínculo religioso, por exemplo, os países mulçumanos exacerbados, sei lá que nome se dá para isso aí, onde meninas não podem ir para a escola por uma razão religiosa, que é o caso do Irã, que é o caso do Afeganistão, menos um pouco na Jordânia, mas ainda tem um pouco, e até ironicamente, os países que conseguiam superar isso, que é o caso do Iraque, que conseguiu ter uma classe média, que conseguiu ter essa coisa que a gente está habituado aqui, que não é muito usual no mundo, se você trabalha você ganha, se você ganha você trabalha, etc, têm países que não funciona exatamente assim. Ironicamente, um dos países que teria um sistema mais *light* de ensino, ele é usado hoje como símbolo, sei lá do que, do atraso mundial, e é bombardeado e arrasado, quando era na verdade um país de forte cultura mulçumana e que tinha conseguido superar essa restrição que a religião impunha ao seu sistema escolar.

Bom, mas o Brasil não tem nada disso, se fala a mesma língua, a religião em qualquer lugar do país é a mesma “misturáida” de religiões, a única coisa que se muda são as proporções do ingrediente, mas é basicamente a religião católica com temperos e misturas variados, não tem nenhum atrito religioso. As religiões brasileiras, nenhuma delas impõe restrição, se fala uma língua só, com raríssimas exceções, não passam de dez ou vinte mil pessoas que falam outra língua, povo nômade também não tem, às vezes é um problema na África, por exemplo, nômades que falam outra língua, além do mais não param no mesmo lugar. Então, nosso problema escolar, nosso atraso escolar foi construído, foi um procedimento de construção ao longo de décadas e décadas, em que toda essa diferenciação que existe na sociedade, ela entra no sistema

escolar, a diferenciação de renda principalmente, ela entra no sistema escolar, e pior, ela é acirrada, intensificada no sistema escolar.

Bom, então estamos chegando no ensino superior. Chegamos lá no ensino médio, metade das pessoas não completa atualmente o ensino médio no Brasil. Como eu comentei, nesse sistema de avaliação do ensino básico, o desempenho do alunado do terceiro ano do ensino médio tem caído ao longo dos últimos anos, mostrando então que a quantidade aumentou, mas a qualidade não mudou, quer dizer, o fulano ou a fulana está ganhando o diploma de ensino médio, mas efetivamente não conclui o ensino médio. Ganhou um papelzinho lá, carimbado pela escola, dizendo que ele frequentou, que ela frequentou os três anos lá, e foi aprovado burocraticamente, por algum mecanismo de aprovação, por pressão de governo do Estado, secretarias estaduais de educação, mas não aprendeu o conteúdo do ensino médio, absolutamente não aprendeu, como também muita gente se forma no ensino fundamental e sai analfabeto, literalmente analfabeto, analfabeto em língua, na língua nacional, analfabeto em matemática simples, quer dizer, não sabe fazer uma operação, não sabe construir uma frase, não sabe entender um texto. Então ele ganhou um diploma de ensino fundamental, mas ele não acabou o ensino fundamental. Seria o equivalente a vacinar pessoas com água destilada, e toma o papelzinho depois, quer dizer, ele não foi vacinado, ele ganhou uma injeção de água destilada, um papelzinho dizendo que foi vacinado, mas não foi vacinado. A mesma coisa, ele ganhou um papel dizendo que acabou o ensino fundamental, mas não sabe ler, não sabe fazer conta e acabou o ensino médio, mas não sabe geografia, não sabe história, não sabe ler, não sabe escrever, não sabe se expressar e não sabe matemática.

E qual é o perfil, chegando então ao ensino superior, do que conclui o ensino médio? No Brasil, atualmente, o número de conclusões do ensino médio está na casa do milhão e oitocentos, um milhão e novecentos por ano mais ou menos. Se estivesse universalizado, tinha que concluir três milhões e seiscentos mil, então, só a metade está concluindo, um milhão e oitocentos, um milhão e novecentos concluem o ensino médio. Daí, concluindo o ensino médio, eles vão, ou não, para o ensino superior.

O que, então, aconteceu no Brasil nos últimos anos? Com a expansão, nem sei se a expressão é correta, com essa intensificação de oferecimento de coisas que deram o nome de ensino superior, mas que não são ensino superior de fato, o que acontece é o seguinte: existe um número de vagas no ensino superior basicamente igual ao número de concluintes do ensino médio. Quer dizer, um milhão e novecentos mil concluintes e um milhão e oitocentas mil vagas, enfim, não sei exatamente a casa seguinte, mas é praticamente um para um.

Ou seja, o setor privado oferece basicamente essas vagas, estão a maior parte delas no setor privado, ele oferece tantas vagas quanto existem potenciais compradores que, então, são os alunos que se formam no ensino médio. Mas, são maus compradores de um lado, porque são pessoas despreparadas para continuarem os seus estudos, são maus compradores porque são pessoas sem dinheiro, quer dizer, um grande percentual desses que conclui o ensino médio não tem como comprar aquela vaga no ensino privado, mesmo que seja vendida a preço baixo, quer dizer, aqueles cursos noturnos, às vezes concentrados na sexta e no sábado, o setor privado faz toda a mágica, como qualquer setor comercial para tentar vender aquele produto que ela tem, pode pagar em prestação, tem noturno, você não pode ficar o dia inteiro, com três horas de aula, a gente faz duas horas de aula, não pode vir todos os dias, a gente faz de sexta-feira. Existe isso, não é fantasia. Mas assim mesmo elas não conseguem vender todas as vagas, sobram mais ou menos quatrocentas e tantas mil vagas. Então, por falta de comprador e, mais estrategicamente, essas vagas são oferecidas porque é estratégico, quer dizer, faz parte de qualquer setor comercial, no supermercado tem oitocentas latinhas de molho de tomate, ele sabe que só vai vender cinquenta naquele dia, mas a estratégia comercial é ocupar toda a sua visão com latinhas de molho de tomate. Depois você passa por outra coisa qualquer, então é muito mais do que ele vai vender, mas tem que estar lá, porque faz parte da estratégia comercial como no setor privado oferecendo as suas vagas, embora sabendo que não vai ter comprador, e tanto que essas vagas não são ociosas, no sentido que estão querendo dizer que são ociosas, por-

que não existe o professor, não existe a sala de aula, não existe a infra-estrutura correspondente àquelas vagas, eles sabem disso, eles põem concurso, mas sabem que não vão completar as turmas e que o curso não vai existir. Então, não há ociosidade no sistema, não há ociosidade.

Claro que você sempre vai achar uma instituição mal administrada, com um nível de corrupção que saiu completamente do controle de alguém, alguma coisa assim, que de repente até vai mal das pernas, abre falência como qualquer setor comercial. Não há superoferecimento, nem vagas ociosas. Não existe infra-estrutura para atender a um milhão e oitocentos mil alunos ingressantes por ano, tanto que entra só um milhão e duzentos, um milhão e trezentos, por aí iniciam o ensino superior. E quem são esses alunos? Qual o perfil desse alunado? Porque acho que a gente precisa entender alguns aspectos importantes para conseguir saber analisar propostas que são feitas de um lado e, de outro lado, de construir propostas em cima da realidade, com base na realidade, não com base na nossa vontade. Então, o perfil do alunado que concluiu o ensino médio eu vou mostrar para vocês a partir do resultado da prova do ENEM, e acho que a grande maioria de vocês deve ter feito o Exame Nacional do Ensino Médio e vocês mesmo conhecem suas notas, conhecem as notas dos seus colegas, de amigos, parentes, etc.

Eu vou dar o perfil do estudante que concluiu o ensino médio brasileiro. Numa escala de 0 (zero) a 10, a média no ENEM, a parte objetiva do exame do ENEM, descontando acerto aleatório, que lembro que a parte que tem as cruzinhas você pode acertar por acaso, então, corrigindo o acerto aleatório, a média nacional é 2, numa escala de 0 a 10, essa é a média nacional. Quantos pontos eram no último ENEM, o máximo que você fazia? 80? É isso? Alguém lembra? 63? Então seria acerta de 12 a 13 questões. Como eu disse, acertar descontando os acertos aleatórios, de quem acertou por acaso. Bom, a média nacional é essa. E qual é o perfil do estudante separado por redes, por exemplo? O melhor desempenho que a gente encontra no ENEM é dos alunos que concluíram ensino médio em escolas federais. Escolas federais são pouquíssimas

no país, só 1% dos estudantes vem de escolas federais, infelizmente, porque tão de longe é o melhor perfil de escola. Ela é extremamente eficiente, ela custa bem mais barato por estudante do que uma escola privada e tem o melhor resultado no ENEM.

Então, inclusive, é uma lição muito importante, quer dizer, as escolas de origem federal conseguem um desempenho muito melhor, significativamente melhor, não é muito melhor, desculpa, melhor, dos seus estudantes do que a escola privada, apesar de o custo por aluno ser muito menor do que o de uma escola privada. Nessas escolas, a nota média é 3, nas escolas federais. Então como eu disse, a média nacional é 2, e nas escolas federais é 3. Nas particulares, com predominâncias dos estudantes do diurno, a nota é 2,8. Então, isso mostra, inclusive, e acho que é uma lição muito importante que a gente precisa tirar daqui, que é a eficiência social da educação. Ela tem mostrado que o público é mais eficiente com o mesmo dinheiro, ele consegue mais resultados com o mesmo dinheiro.

Daí vem o público sem dinheiro. O público sem dinheiro são as escolas estaduais e municipais, cujo investimento por aluno é, não sei atualmente em São Paulo quanto está, mas não chega a dois mil reais por ano, por aluno. Bom, a média é, em escolas estaduais com predominância de alunos do diurno, é 1,3, e municipais do diurno é 1,0. Então esse é o perfil do aluno que conclui o ensino médio nas escolas estaduais e municipais, escolas que têm a maior parte dos seus alunos no diurno. Quando a gente vai para o noturno, as médias são abaixo de 1, quer dizer, 0,8 e 0,9. É como se tivessem acertado meia dúzia dessas sessenta e poucas questões do ENEM. O particular noturno é 1,3. Então vejam só, desse pacote todo, as federais têm um bom desempenho, relativo, comparado com os outros, mas atendem a 1% da população, então, quantitativamente é desprezível. As particulares diurno têm um desempenho quase próximo das federais, com 2,8 de média e atende a 36% dos alunos, e os 63% restantes, estão em escolas em que a média é perto de 1. Então, é esse perfil de estudante, para o qual se oferece ensino superior hoje no Brasil. E qual é a consequência? O ensino superior oferecido, está de acordo com a clientela, com a capacidade de

absorção da clientela. Então, ele é péssimo. O ensino superior brasileiro é péssimo, em especial as instituições privadas, grande parte das instituições privadas é de péssima qualidade. Eu não vou me estender citando notas agora, se for o caso no debate, cito notas para a gente comparar o desempenho dos estudantes das instituições públicas e privadas, mas a grande maioria delas é muito ruim, um enorme contingente de péssimas, e um pequeníssimo contingente de aceitáveis, e às vezes a gente fala que as aceitáveis são as confessionais [sic], algumas áreas do conhecimento em algumas confessionais, não são todas confessionais e nem todas as áreas do conhecimento. Então, acho que não existe hoje no país nenhuma instituição privada que tenha cursos em todas as áreas, ou em grande parte das áreas de conhecimento, de boa qualidade. Você vai pegar alguns cursos na área de humanas, na PUC de São Paulo, Engenharia na PUC do Rio, a FGV tem um bom curso de Economia, e eu acho que daí talvez a gente tenha que pinçar exceções. Mesmo as confessionais e coisas assim, que parece que são as mais toleráveis, grande parte delas também é muito ruim.

O que isso tudo que eu comentei tem a ver com a [interrompe]. Falta só mais um último comentário antes de ir para a conclusão. O último comentário é uma idéia que se criou nesse país, que está ligada também a uma das propostas que surge por aí, que o estudante da escola, da instituição de ensino superior pública é mais caro que o da privada, onde a conta é completamente mal feita. Quando você pega o orçamento da USP, por exemplo, uma parte do orçamento, 25 ou 30% do orçamento, mais ou menos por aí, é pagamento de aposentados, está no orçamento da USP, mas é para pagamento de aposentados. No setor privado, o pagamento de aposentados é feito ou por um Fundo de Previdência ou pelo INSS. Então eu não posso comparar, pegar o orçamento e dividir pelo número de alunos, porque eu estou dividindo coisas diferentes. Na USP eu peguei aposentados e na privada eu não peguei. Então, para fazer a comparação temos que separar o que corresponde à Previdência ou, no setor privado, incluir os aposentados do setor privado.

A outra questão também de dividir o orçamento pelo número de alunos é o tipo de curso que as instituições oferecem. Então,

curso caros, de difícil venda, são concentrados nas Universidades públicas, enquanto as instituições privadas concentram cursos baratos e, principalmente no período noturno, curso de curta duração, que barateia ainda mais. Com isso, o custo/aluno é comparado de forma diferente. Você pega, por exemplo, o caso da Universidade de São Paulo, 10% das vagas na Universidade de São Paulo é para o curso de engenharia diurno, que é um curso relativamente caro, enquanto que no setor privado as vagas em engenharia são muito menos que 10% e sobretudo [sic] no período noturno. Então, estamos comparando alhos com bugalhos. Outra questão, parte do meu salário, por exemplo, do salário de qualquer professor aqui não é o ensino de graduação, é ensino de pós-graduação e pesquisa. Então tendo, pelo menos por estimativa, a imaginar que o aluno de graduação e de pós-graduação tenham um mesmo custo para saber quanto custa um aluno de graduação. O detalhe da conta aparece num artigo que eu publiquei no *Jornal da USP*, eu não vou me estender, mas quando a gente dá uma limpada nas coisas e compara alhos com alhos e bugalhos com bugalhos, quer dizer, corrigindo o que é orçamento e o que é custo, a conclusão que a gente chega é a seguinte: o custo de um aluno na Universidade de São Paulo é igual ao custo de um aluno em uma instituição privada, na mesma área de conhecimento, com a diferença de que aqui é com muito mais qualidade. Ou seja, com o mesmo dinheiro, você oferece cursos de bem melhor qualidade. Comparando, por exemplo, o custo de um aluno de engenharia na USP, a gente está pegando engenharia em tempo integral, com cinco anos de duração. Quando você pega no setor privado, a grande maioria dos estudantes está no período noturno, com curta duração, curso de quatro anos. Então, a qualidade é muito diferente, e vale para todas as áreas do conhecimento. Eu peguei engenharia à toa, sem razão nenhuma, mas em todas as áreas do conhecimento, em particular em Economia, o nosso aluno aqui custa menos do que as mensalidades cobradas em cursos privados de Economia, por causa do apelo de mercado, porque Economia é um curso de fácil venda. Estou estourando meu tempo, né?

Então, fechando essa costura toda, a gente pode imaginar o que significam essas decisões do tipo, por exemplo, projeto de financiamento de estudantes no setor privado. No setor público a gente dá o mesmo curso mais barato ou, com o mesmo preço, um curso melhor. Eu peguei o padrão USP, então, inclusive, eu acho que há margens para reduzir este custo.

Eu não abordei um aspecto sobre questão de cotas, que é tanto no setor público como no setor privado, eu vi que eu me estendi demais nessa apresentação inicial, mas eu acho que com essas informações que eu dei, a gente consegue analisar de forma um pouco melhor, qual é a consequência prática de cada uma dessas propostas. O setor privado, lamentavelmente, não tem negócios a se fazer, não dá para fazer negócio com o setor privado no Brasil, no que diz respeito ao ensino superior. Tirando raríssimas exceções fixadas aqui e acolá, não tem negócio a ser feito. Foi feita uma expansão descontrolada e desordenada do ensino superior no Brasil, do que se chama ensino superior no Brasil, as instituições não são confiáveis, a qualidade dos cursos não é confiável, então, não tem nenhum negócio que se possa fazer com a instituição privada.

Eu acho que eu vou parar por aqui, senão eu me estendo demais, porque a gente tem um tempo de debate depois, é isso? Então está bom, obrigado. ■